

O verde perde espaço

Desmatamento/DF-Clima

Fotos: Daniel Ferreira/CB/D.A Press - 22/3/12

» ARIADNE SAKKIS
» ADRIANA BERNARDES

No Distrito Federal, o mapa muda de cor mais rápido do que os olhos conseguem acompanhar. Entre 1954 e 2010, a vegetação encolheu 67%. Dos 581 mil hectares de cerrado existentes quando a nova capital do Brasil ainda era um sonho, sobraram pouco mais de 189 mil, sendo que apenas 10% estão sob a proteção de áreas permanentes de preservação (APPs). O segundo maior bioma brasileiro acabou aquartelado em pouco menos de um terço do território e, se nada for feito para reverter o ritmo acelerado de desmatamento, em menos de 30 anos as próximas gerações de brasilienses só conhecerão as árvores retorcidas por meio de livros.

O estudo da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) sobre a vegetação e a ocupação do solo no DF entre 1954 e 2001 e um mapa do desmatamento do cerrado produzido pela Fundação Sustentabilidade e Desenvolvimento com base em dados de 2010 do Ministério do Meio Ambiente revelam que, em média, 6.997 hectares de cerrado são dizimados todos os anos em Brasília. Significa dizer que a devastação consome 70 milhões de metros quadrados por ano, o equivalente a 166 Parques da Cidade ou 10,2 mil campos de futebol.

A situação é ainda mais grave porque há grandes áreas em que o desaparecimento da vegetação nativa não deu lugar a outra atividade. Com isso, a terra ficou exposta e as consequências já fazem parte do dia a dia da capital. O clima está mais quente; crescem as áreas de erosões; o abastecimento de água está comprometido pelo assoreamento dos rios e os alagamentos estão cada vez mais frequentes.

Problemas que poderiam ser evitados. A fragilidade das bacias hidrográficas e a importância delas para a região e para o todo o país são conhecidas desde a década de 1970. Para tentar protegê-las, 92% do território foram incluídos em áreas de proteção ao longo dos anos. Mas nem isso freou o desmatamento. Apesar das tentativas de blindar a devastação do meio ambiente, em 2001 a Unesco alertava para o isolamento das reservas de outras porções de cerrado e a intensa pressão pela ocupação irregular do solo nas proximidades delas. Mapas mostram como a margem norte do Parque Nacional, por exemplo, já está encurralada pela consolidação urbana da expansão de Sobradinho 2, área povoada de parcelamentos irregulares.

Polo

Os motivos para o enxugamento da mata original do DF são múltiplos. A cidade projetada para abrigar 500 mil habitantes se tornou mais atraente do



Nascido como invasão, o Varjão viu avançarem as construções irregulares: hoje região administrativa, a cidade cresceu e devastou grande parte da vegetação que a cercava



Com 444 habitantes por km², o Distrito Federal tem densidade populacional muito superior à média nacional

que o esperado. E instigou o adensamento populacional em seus arredores. Brasília se tornou o coração de um núcleo urbano rodeado por 31 regiões administrativas e conquistou o primeiro lugar no ranking das cidades com maior densidade demográfica do Brasil. O último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado em 2010, contou mais de 2,6 milhões de habitantes no quadrilátero: são 444 habitantes

por km², disparado o maior índice do país. O segundo estado com maior densidade é o Rio de Janeiro, com 365,23 habitantes por km². A média nacional é bem inferior, de 22,43 moradores para cada km².

Na primeira década deste século, segundo os dados do IBGE, o adensamento populacional do DF cresceu 26% — eram 352 habitantes por km² em 2000. E o problema é que, ao longo das últimas décadas, as pessoas

chegaram e as políticas públicas não acompanharam o crescimento e a consolidação dos novos centros urbanos. Nenhum outro aglomeramento urbano importou para si o conceito de cidade-parque preconizado por Lucio Costa. Ceilândia, por exemplo, nasceu árida há 41 anos, e assim continua. Vista de cima, as cores predominantes da cidade são o cinza do concreto e o vermelho da terra nua nas áreas desabitadas.

Cidade-parque

Ao criar Brasília, o urbanista Lucio Costa a projetou sob o conceito de cidade-parque. De modo geral, o conjunto de edifícios e casas se harmoniza com a natureza e evidencia a percepção da paisagem. Com isso, cada morador teria o verde ao alcance dos olhos da janela de casa.

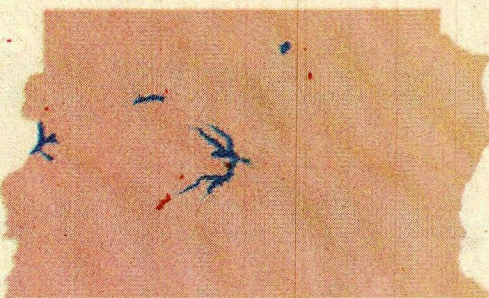
Bem mais nova, Águas Claras é outro exemplo da falta de preocupação com o verde nas áreas urbanas. Oficialmente, dos 808 hectares da cidade, metade está reservada para áreas verdes, mas passados 12 anos o único respiro na “selva de pedra” é o Parque Águas Claras. No mais, plantas e espécies nativas existem apenas nas placas que dão nome às avenidas, alamedas e praças.

Uma realidade que não passa

despercebida pelos moradores. Um grupo se organizou e já coletou 800 assinaturas para pressionar o governo a implantar o Parque Central de Águas Claras, um dos dois que nunca saíram do papel. O próprio projeto reconhece a importância do local para a cidade, quando diz que “o parque também contribuirá para desafogar o sistema de drenagem pluvial, propiciará um microclima agradável para a cidade, amenizará a paisagem onde predominam o asfalto e o concreto e proporcionará a melhoria da qualidade de vida da população”.

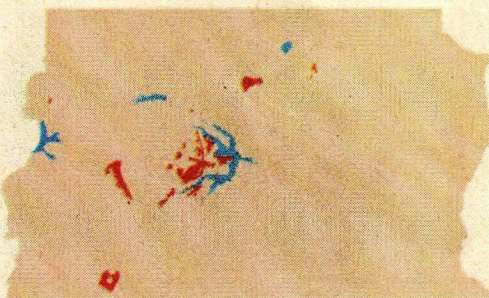
O analista de sistemas Fernando Sousa, 26 anos, é síndico de um dos condomínios mais novos da cidade, na Avenida das Castanheiras, e lidera o movimento pela implementação do segundo parque na cidade. “Águas Claras não era para ser assim. A cidade já é uma selva de pedra, e vemos cada vez mais prédios sendo construídos na área que deveria ser verde”, critica Sousa. Ao lado do condomínio em que Sousa mora, parte dos 175 hectares do Parque Central é hoje um grande terreno baldio, de solo exposto, sujeito à erosão e ao acúmulo de lixo. “Se não é a gente para limpar, isso aqui vira um lixão. É frustrante”, completa.

» [Leia mais na página 32](#)



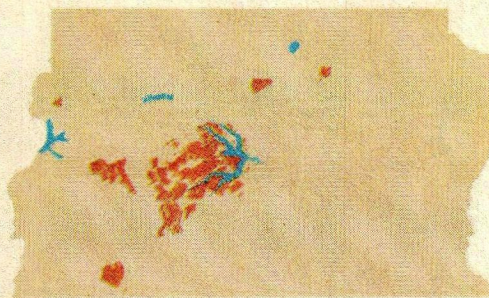
1958

O ano marca o nascimento de Taguatinga, que recebeu os moradores da Vila Amauri, povoado localizado onde seria o futuro Lago Paranoá. Dois anos depois, com a inauguração de Brasília, nasceriam Sobradinho e Gama, ambas criadas para abrigar os operários que trabalharam nas obras e viviam em acampamentos.



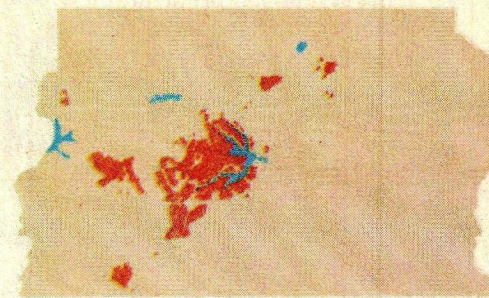
1964

Em meados dos anos 1960, pouco depois da inauguração de Brasília, o Distrito Federal tinha apenas oito núcleos urbanos bem separados uns dos outros e somava 400 mil moradores. Mas a pressão da migração já se mostrava forte e, pouco depois, surgiu a cidade de Ceilândia, criada para abrigar moradores de antigas invasões.



1975

As autoridades constatarem a existência dos primeiros parcelamentos irregulares. O Quintas da Alvorada, no final do Lago Sul, o primeiro a ser verificado, traz ainda mais danos ao meio ambiente. Ele foi erguido na área onde seria instalado o Lago Bartolomeu.



1986

O crescimento urbano do DF foi direcionado para a região sudoeste. Nos anos 1980, Ceilândia já estava em processo de consolidação, assim como o Guarã. Ainda não existiam regiões como o Recanto das Emas. Pouco depois, começou uma política de distribuição maciça de lotes e outras cidades. Nessa época, também começaram a surgir os condomínios irregulares.